

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT

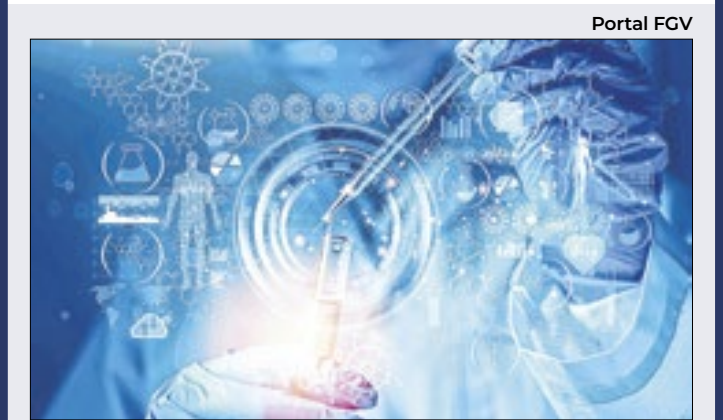


Embate ianque-chinês catapultou cotação do dólar

Dólar vai a R\$ 5,91 com guerra comercial entre EUA x China

O mercado financeiro começou a semana como terminou a anterior – com volatilidade das Bolsas ao redor do mundo e fortalecimento do dólar, em meio à ameaça feita pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de impor tarifas de importação ainda mais altas sobre produtos chineses. A reação de Trump veio depois da decisão da China de retaliar o tarifaço anunciado

Queda	Impacto
O Ibovespa voltou a cair – desta vez, 1,31%, aos 125,5 mil pontos – ‘puxado’ pela queda da Petrobras (-3,97%, dos papéis PN, e -5,57% para os ON), em reação à pressão exercida pelo ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, para reduzir o preço dos combustíveis.	No exterior, o mercado acionário também foi impactado, em especial na Ásia e na Europa. No Japão, o índice Nikkei tomou 7,83%, acumulando desvalorização de 23% desde a máxima alcançada em dezembro. Em Milão, o recuo foi de 5,18% e, em Londres, de 4,38%.



Três instituições se unem pela inovação na saúde

Instituições públicas se unem pela inovação na saúde

Três instituições públicas de referência vão investir pelo menos R\$ 200 milhões em micro, pequenas e médias empresas inovadoras na área de saúde. A parceria, formada pelo BNDES, a Finep e a Fundação Butantan, visa criar um Fundo de Investimento em Participação (FIP) que vai mirar em startups,

BNDES	Finep
O BNDES, banco público de fomento ligado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), deve aportar de R\$ 50 milhões a R\$ 125 milhões no FIP, por meio da BNDES Participações S.A. (BNDESPar), subsidiária que atua como sócia em empresas.	Empresa pública ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTI) vai destinar até R\$ 60 milhões ao FIP. Já o Butantan - maior produtor de vacinas e soros da América Latina - ligado ao governo de SP, aportará R\$ 50 milhões.

Mínima em 4 anos	Recuo
Os preços do petróleo fecharam em queda de 2%, atingindo uma mínima de quase quatro anos nesta segunda-feira, 7, devido às preocupações de que as últimas tarifas comerciais do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, possam levar o mundo à recessão.	Os contratos futuros do Brent caíram US\$ 1,37, ou 2,1%, para fechar a US\$ 64,21 por barril, enquanto os contratos futuros do petróleo West Texas Intermediate dos EUA (WTI) caíram US\$ 1,29, ou 2,1%, a US\$ 60,70. Ambos os índices caíram 11% na semana passada

Brasil é o maior fornecedor de bens de capital aos EUA

CNI prevê maior impacto inflacionário ao consumidor estadunidense

Por Marcelo Sigwalt

O Brasil é o maior fornecedor de bens intermediários e de capital dos Estados Unidos. Essa é a principal conclusão da análise elaborada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), que aborda o impacto das novas tarifas ianques sobre os produtos exportados pelos parceiros da maior economia do planeta.

“As tarifas podem impactar, principalmente, o consumidor nos EUA, porque vendemos bens intermediários e insumos. Esse aumento de custos induz em pressão inflacionária e alta de preços, o que torna o produto americano pouco competitivo”, afirma a gerente de Comércio e Integração Internacional da CNI, Constanza Negri.

Oito produtos
- Outros produtos semimanufaturados, de ferro ou aço: o Brasil lidera como fornecedor com 59,9% das vendas; adicional de 25% de tarifa
Ferro fundido bruto não li-



Atualmente, o Brasil é o maior fornecedor de bens de capital e intermediários aos EUA

gado: entre os países que mais vendem para os EUA, o Brasil lidera como fornecedor com 58,1% das vendas; adicional de 10% de tarifa.
Café não torrado, não descafeinado: o Brasil lidera como fornecedor com 25,8% das vendas; adicional de 10% de tarifa.
Pasta química de madeira de não confífera: o Brasil lidera

como fornecedor com 79,6% das vendas; adicional de 10% de tarifa.
Preparações alimentícias e conservas, de bovinos: o Brasil lidera como fornecedor com 66% das vendas; adicional de 10% de tarifa.
Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados: o Brasil lidera como fornecedor com

53,6% das vendas; adicional de 10% de tarifa.
Sucos de laranja não congelados, não fermentados: entre os países que mais vendem para os EUA, o Brasil lidera como fornecedor com 75,8% das vendas.
Niveladores: entre os países que mais vendem para os EUA, o Brasil lidera como fornecedor com 83% das vendas.

Indicadores da indústria têm avanço

O faturamento real da indústria aumentou 1,6% entre janeiro e fevereiro, mostram os Indicadores Industriais, divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) nesta segunda-feira (7). Com isso, a receita bruta das empresas do setor, descontada a inflação, acumula alta de 5,5% em 2025, em relação a dezembro de 2024.
De acordo com a pesquisa, o número de horas trabalha-

das na produção subiu 2%, em fevereiro. Assim como o faturamento, o indicador cresceu pelo segundo mês consecutivo. Em 2025, o número de horas trabalhadas na produção acumula alta de 3,3%.
“O resultado é bastante positivo, sobretudo porque 2024 foi um bom ano para a indústria, em que a demanda por bens industriais cresceu significativamente, o que puxou a atividade do setor. Como em

2025 há expectativa de menor demanda e desaceleração da atividade industrial, a alta do faturamento e do número de horas trabalhadas até aqui são mais fortes do que esperávamos”, avalia Marcelo Azevedo, gerente de Análise Econômica da CNI.
Em fevereiro, a Utilização da Capacidade Instalada (UCI) da indústria permaneceu em 78,9%, na série livre de efeitos sazonais. Em relação ao mesmo

mês do ano passado, a UCI recuou 0,6 ponto percentual.
O emprego industrial segue trajetória de alta. Na passagem de janeiro para fevereiro, os postos de trabalho do setor aumentaram 0,4%. Em 2025, o emprego industrial acumula alta de 0,8%. “Embora 0,4% seja um percentual baixo, trata-se de um crescimento significativo quando falamos de uma evolução mensal do emprego”, pontua Azevedo.

Petrobras perde R\$ 23 bi com ‘pitaco’

Já abaladas pelo efeito Trump, as ações da Petrobras aprofundaram a desvalorização na Bolsa de Valores brasileira, a B3, nessa segunda-feira (7), depois da divulgação de que o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, procurou a estatal para pedir a redução no preço dos combustíveis. A informação sobre essa abordagem foi divulgada pela CNN Brasil.
Só nesta segunda-feira, a Petrobras perdeu R\$ 23,1 bilhões em valor de mercado. Com a quarta queda seguida do papel, a empresa furou o piso de setembro de 2023, recuando a R\$ 445,8 bilhões. As ações ordinárias (ON) despencaram a R\$ 35,63, queda de 5,57%; as preferenciais, a R\$ 33,18, queda de 3,97%; e a ADR da estatal na Nyse (a Bolsa de Nova York), a US\$ 11,19, queda de 5,73%
Silveira apresentou à Petrobras argumentos que na avaliação do governo justificariam a



Valor de ações de estatal despencou, após ‘pitaco’ petista

viabilidade da redução de preços de combustíveis. Dentre eles, é mencionada a perspectiva do aumento da produção de petróleo pelos países membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo e seus aliados, grupo conhecido como Opep+.

Na semana passada foi anunciado que a produção no mês que vem seria elevada em 411 mil barris por dia (bpd). O grupo de países mencionou “fundamentos saudáveis” e uma “perspectiva positiva” do mercado. O petróleo está em queda no mercado internacional, tam-

bém puxado pelo temor de uma recessão causada pelo “tarifaço” de Trump, e consequentes retaliações de outros países.

‘Cenário externo’
Segundo interlocutores, o ministro Silveira fez uma argumentação à Petrobras baseada no cenário externo, reforçando o respeito à governança da companhia. Ainda de acordo com fontes, não foi apresentado um dado quantitativo de qual seria a redução nos preços considerada ideal para o governo.
A estatal disse que não vai comentar a fala do ministro, nem apontou uma possível direção para o preço dos combustíveis.
Contudo, na avaliação do analista Vitor Sousa, da Genial, tanto o diesel quanto a gasolina negociam com prêmio em relação à paridade com os preços internacionais (PPI), da ordem de 5%.

Paes sobre IR: ‘prefeitos pagarão a conta’

O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (PSD), indicou nesta segunda-feira, (7), que o movimento do governo de ampliar a isenção do imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil é “correto” no sentido de “reduzir o sistema brasileiro injusto de se tributar”, mas “quem vai pagar essa conta mais uma vez são prefeitos e prefeitãs”. “E o governo central vai tratar com todo o seu poder e autoridade de resolver os seus

problemas”, afirmou.
A fala se dá em meio à pressão de governadores e prefeitos sobre o impacto que o projeto lei do IR pode gerar na arrecadação do imposto de renda retido na fonte (IRRF) pago pelos funcionários públicos estaduais, distritais e municipais. Paes indicou que prefeitos também pagaram a conta pela “benesse na tributação dos combustíveis” às vésperas das eleições 2022.

Segundo o prefeito do Rio, “o que dá esperança” para os mandatários é o fato de que são atores políticos “muito fortes”. “Quando a gente olha para as cidades representadas aqui, para a diversidade das cidades representadas aqui, para a força, a diversidade desse grupo de pessoas, se nós tivermos o mínimo de norte, o mínimo de liderança, o mínimo de capacidade de nos unir, eu tenho certeza que todas essas dificul-

dades poderão ser endereçadas, se não superadas, e brasileiros”, assinalou.
A declaração se deu após Paes avaliar que o País “andou profundamente para trás” com a reforma tributária. “Quando a gente olha pra essa reforma tributária, todos os elogios que podem ser feitos a ela, ela foi uma ruptura profunda com o modelo da Constituição de 1988”, afirmou, após tomar posse como presidente da FNP.